

O amor entre mulheres

Psicanalistas discutem o fim do tabu do homossexualismo

O amor entre mulheres está mudando de cara. No lugar do velho estereótipo da mulher-macho, está agora uma outra mulher: mais feminina, menos angustiada com sua identidade sexual, mais preocupada com sua imagem diante dos outros. Esta nova mulher tem horror a estereótipos. Prefere a ambiguidade e já não se define como homossexual. Prefere falar em bissexualismo, preferência menos estigmatizada socialmente.

A nova imagem do amor entre mulheres não está só no sucesso de filmes como "Os ladrões", "Quando a noite cai", "Instinto selvagem" e "Mário rouba o", ou no castro da repercussão de livros como "Lóres ras e banalíssimas", que narra a história de amor entre a poeta americana Elizabeth Bishop e a urbanista brasileira Lotta Macedo Soares. Ou ainda na repercussão da discussão no Congresso do direito de união civil entre pessoas do mesmo sexo. Também os psicanalistas observam esta mudança de comportamento:

— Há um aumento palpável do número de mulheres que contam experiências amorosas com outras mulheres nos consultórios. Isto já se vinha notando nos últimos dez anos. Mas agora o assunto deixou de ser tabu. Há canais liberadores na vida social que permitem a manifestação mais livre desta preferência amorosa — avalia o psicanalista Chaim Katz.

A psicanálise mudou diante de conflitos de identidade sexual

Com ele concorda Luci Soalheiro, 31 anos, autora do livro "Falo feminino", que detesta o rótulo de homossexual, embora admita sua preferência sexual por mulheres:

— No Rio, a maioria não aceita ser definida como homossexual. Até mesmo as militantes do movimento de defesa do direito de união civil entre mulheres preferem se declarar bissexuais — diz Luci.

Lúcia De Carli, 28 anos, dona do restaurante Bianinha, em Botafogo, também se define como bissexual:

— As mulheres hoje transsam melhor sua sexualidade. A mulher masculinizada, de sapato baixo e bermudão, não tem mais atrativo.

A postura das mulheres que amam outras mulheres é hoje bem diferente daquela de gerações passadas. A moda unissex dos anos 80 fez com que se confundissem os estereótipos e se aumentasse, nos anos 90, a margem de ambiguidade sexual.

Antes, a mulher homossexual precisava mostrar socialmente uma identificação com modos masculinos. Hoje, não há necessidade disso. O padrão não é mais o cabelinho curto. Quanto mais sofisticado culturalmente o ambiente social, mais fácil se torna a manifestação livre da preferência sexual — diz Chaim.

Isto não quer dizer que o preconceito seja menor nos anos 90. É o que acha o psicanalista José Nazar:

— A sociedade mudou, mas ainda há muita censura social. As relações homossexuais não conflitam porque não se estabelecem dentro do modelo familiar. Por mais que se esforcem para repetir a relação familiar, a

maioria dessas histórias de amor ainda é coaduna e pouco duradoura. O médico e psicanalista Marco Figueiredo também acha que o preconceito não diminuiu:

— Cada vez mais, as mulheres com preferências por parceiras do mesmo sexo recorrem à psicanálise não porque tenham um conflito interno, mas porque estão preocupadas com o social. Vivemos um clima liberalizante em que há preconceito contra o preconceito, mas ainda persiste uma pressão social grande contra preferências homossexuais.

É possível ser homossexual tendo uma vida heterossexual

Segundo a teoria freudiana clássica, o homossexualismo era perversão e a psicanálise visava a curar este desvio de comportamento. Agora, a teoria na prática é outra.

— Hoje, não há mais psicanalistas ortodoxos que classifiquem o homossexualismo como patologia. Se quem fez esta opção se considera feliz, não se pode falar em patologia. Já quem vive num clima de infelicidade precisa se tratar, seja hetero ou homossexual — avalia o médico e psicanalista Moisés Tractenberg.

É o que também acha José Nazar: — Nenhum psicanalista mais procura tratar o homossexualismo no sentido de curar o analisando de um problema. Hoje, é possível ter uma prática homossexual sem angústia.

De acrescenta que, na medida em que aliviar a censura social, o homossexualismo tende a perder o fascínio da transgressão.

— O fundamental, hoje, é ver como cada um lida com seu desejo. Por isto prefiro falar em homocorporalidade e não em homossexualidade. Até pouco tempo atrás, os analistas recebiam no consultório pessoas que preferiam a homocorporalidade e sofriam com essa escolha. E os analistas estavam inersos em preconceitos quanto às práticas corporais. Hoje, é difícil um analista receber pessoas com o objetivo de realinhar sua escolha sexual — diz.

Para Nazar, a psicanálise não identifica mais a homossexualidade pela via da escolha homocorporal porque há homens que têm fantasias e desejos femininos e vice versa.

— Há relações de homens com mulheres em que a homossexualidade está mais presente que numa relação entre duas pessoas do mesmo sexo. A grande descoberta da psicanálise foi a de que nenhum ser falante, no inconsciente, traz a inscrição de que é homem ou mulher. A diferenciação sexual se faz na relação com os símbolos do ambiente da família, do estudo, do trabalho. A inscrição sexual depende das escolhas nesse universo simbólico.

Marco Figueiredo concorda:

— Há muita gente com vida heterossexual que possui fantasias homossexuais. Na psicanálise, tudo depende do que a pessoa propõe ao terapeuta, do modo como define seu problema existencial. Se o terapeuta for preconceituoso, os dois podem ficar anos discutindo se o desejo é normal ou não. Mas isso não resolve coisa alguma. Continua na página 2



Ilustração de Claudio Duarte